

SUOR

JORGE AMADO



Posfácio de Luiz Gustavo Freitas Rossi



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2011 by Grapiúna Produções Artísticas Ltda.

1ª edição, Ariel Editora, Rio de Janeiro, 1934

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Consultoria da coleção Ilana Seltzer Goldstein

Projeto gráfico Kiko Farkas e Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

Pesquisa iconográfica do encarte Bete Capinan

Imagens de capa © Pierre Verger/ Fundação Pierre Verger (capa); © Luiza Chiodi/ Companhia Fabril Mascarenhas (chita); © Fundação Casa de Jorge Amado (orelha). Todos os esforços foram feitos para determinar a origem das imagens deste livro. Nem sempre isso foi possível. Teremos prazer em creditar as fontes, caso se manifestem.

Cronologia Ilana Seltzer Goldstein e Carla Delgado de Souza

Preparação Cecília Ramos

Assistência editorial Cristina Yamazaki

Revisão Marise Leal e Huendel Viana

Texto estabelecido a partir dos originais revistos pelo autor. Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Amado, Jorge, 1912-2001.

Suor / Jorge Amado ; posfácio de Luiz Gustavo Freitas Rossi.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

ISBN 978-85-359-1792-5

I. Ficção brasileira I. Rossi, Luiz Gustavo Freitas. II. Título.

10-13578

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

I. Ficção : Literatura brasileira 869.93

Diagramação Estúdio O.L.M.

Papel Polen Soft

Impressão e acabamento RR Donnelley

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707 3500

Fax (11) 3707 3501

www.companhiahdasletras.com.br

OS RATOS

1

OS RATOS PASSARAM, SEM NENHUM SINAL DE MEDO, entre os homens que estavam parados ao pé da escada escura. Era escura assim de dia e de noite e subia pelo prédio como um cipó que crescesse no interior do tronco de uma árvore. Havia um cheiro de quarto de defunto, um cheiro de roupa suja, que os homens não sentiam. Também não ligavam aos ratos que subiam e desciam, apostando carreira, desaparecendo na escuridão.

Vermelho e pequenino, um dos homens limpava com a manga da camisa o suor do rosto, que o outro, preto e agigantado, deixava que brilhasse na testa de carvão. O terceiro, cujos dentes salientes davam-lhe um aspecto de cão selvagem, trazia a camisa pregada ao corpo e mastigava um cigarro apagado.

Tinham vindo da Cidade Baixa e, depois de subir a ladeira do Tabuão, tinham vencido a ladeira do Pelourinho e ali estavam, parados, diante da escada imensa.

— Essa escada bota qualquer um tuberculoso — falou o Vermelho.

O preto assobiou, sorrindo. O dos dentes de fora foi quem respondeu:

— Quer ir de elevador, Chico?

— Era bem melhor.

O preto olhou assombrado:

— Aquele rato é tão gordo que nem pode correr...

— Não sei onde é que eles arranjam comida para engordar...

Chico passou a mão pela testa mais uma vez, resmungou qualquer coisa em voz baixa e pisou no primeiro degrau. Os outros o acompanharam. Augusto jogou no chão o cigarro inútil. E começaram a subida, com a cabeça para a frente, encurvados.

O rato gordo espiava cá debaixo.

Do terceiro andar descia uma moça de vestido azul. Encostou-se no corrimão para que eles passassem. E desceu como uma sombra entre a escuridão e os ratos.

E então, de repente, os homens sentiram o cheiro de defunto e acharam os ratos repelentes.

2

VISTO DA RUA O PRÉDIO NÃO PARECIA TÃO GRANDE. Ninguém daria nada por ele. É verdade que se viam as filas de janelas até o quarto andar. Talvez fosse a tinta desbotada que tirasse a impressão de enormidade. Parecia um velho sobrado como os outros, apertado na ladeira do Pelourinho, colonial, ostentando azulejos raros. Porém era imenso. Quatro andares, um sótão, um cortiço nos fundos, a venda do Fernandes na frente, e atrás do cortiço uma padaria árabe clandestina, cento e dezesseis quartos, mais de seiscentas pessoas. Um mundo. Um mundo fétido, sem higiene e sem moral, com ratos, palavrões e gente. Operários, soldados, árabes de fala arresada, mascates, ladrões, prostitutas, costureiras, carregadores, gente de todas as cores, de todos os lugares, com todos os trajes, enchiam o sobrado. Bebiam cachaça na venda do Fernandes e cuspiam na escada, onde, por vezes, mijavam. Os únicos inquilinos gratuitos eram os ratos. Uma preta velha vendia acarajé e munguzá na porta.

Do quarto andar desciam às vezes sons de violão e árabes trocavam língua no silêncio dos quartos sem eletricidade.

Mulheres do terceiro andar discutiam com mulheres do segundo e ouviam-se palavras cabeludas.

De manhã, os homens saíam quase todos. O vozerio das mulheres aumentava. Lavavam roupa. Ruídos de máquinas de costura. A tosse de uma tuberculosa no sótão. Os homens voltavam à tarde, cansados. A escada os devorava um a um.

SÓTÃO

1

— QUE CALOR!

O sol não aparecia no sótão. As aberturas nas paredes não o deixavam entrar. Porém o calor denunciava a sua presença. Num canto do quarto, sobre um fogareiro a carvão, fervia uma panela de barro. Vinham vozes do quarto vizinho.

Dona Risoleta suspendeu os olhos da costura e tirou os óculos amarrados com um barbante cor-de-rosa. Olhou o vestido quase pronto e suspirou. Quis dizer qualquer coisa, não achou a palavra precisa e ficou com a mão suspensa, os óculos balançando.

Linda veio em seu socorro:

— Agora ela não pode mais reclamar, dindinha.

— Reclama sempre. Nunca está bem-feito. Que jeito?

Linda olhou o fogareiro, esticou a cabeça e aspirou. Não vinha nenhum cheiro. Baixou os olhos, triste.

— Dindinha, já reparou como esse feijão tem gosto de amarelo?

— De amarelo, menina? É mesmo...

Bateram na porta. Pancadas íntimas de quem não espera consentimento para entrar. E Julieta entrou de combinação.

— Estou assim por causa do calor.

Sentou-se na cama, as coxas abertas, escandalosas. Espiou o fogareiro, pegou no vestido.

— Que cheiro de chulé, hein, Linda?

Como a resposta não veio, continuou:

— Também nessa bilosca mora gente de toda laia... Já reparou na vizinha dos fundos, dona Risoleta? Caga em papel de jornal pra não esperar que a latrina se esvazie. Juro que não limpa a bunda. E nunca desceu pra tomar banho...

— É uma mulher muito trabalhadora.

— Pudera! Pra dar comida ao malandro do filho... Um ho-

mem daqueles, de dezenove anos, gordo como um burro, que não faz nada... Passa o dia todo socado com as raparigas do Tabuão ou então matando o bicho. Só vem em casa comer e buscar dinheiro. Que calorão, puxa!

Pegou na combinação e sacudia-a para ventilar as coxas.

— E esse vestido, hein, dona Risoleta? A senhora devia era mandar aquela espanhola pras profundas... Feia como uma jara-raca e querendo vestido de mocinha. Garanto que quer botar os chifres em seu Léon... Quanto ela paga?

— Trinta mil-réis por dois. É o mês do quarto.

Julieta percorreu o quarto com os olhos.

— Bonito quarto! E esse cheiro de chulé... — assobiou. — Trinta mil-réis. Eu, no dia que arranjar um cara rico, vou com ele... Quero é comida, casa boa e boa boia.

O calor vinha aumentando. Quase meio-dia. Dona Risoleta baixou os óculos sobre a costura. Linda bebeu água e passou uma toalha na testa molhada. Por cima da cama um quadro de primeira comunhão.

— Ando de olho num espanhol cheio do dólar... É ele querer, eu me amigo.

Linda aconselhou:

— Pra que isso, Julieta? Você pode casar...

— Casar? Pra passar fome, sinhá tola? Já estou cansada. Se eu comer a vida toda não me pago dos jejuns que tenho passado. Só você é que pensa em casar. Espera um moço rico, de automóvel, não é?

Linda não respondeu.

— Não se zangue não. Não digo isso por mal. Você lê romances e fica pensando besteiras. Bem que você merece um bom casamento, isso merece. Mas é tão difícil... Em todo caso... Eu é que não espero, ouviu? Por casa e comida melhor dou os três, que me importa!

Na igreja de São Francisco bateu meio-dia.

— Vamos almoçar?

— Obrigada, minha filha. Vou para o meu quarto.

Dona Risoleta tirou a panela do fogareiro. O calor abafava.
Da porta, Julieta voltou-se:
— Cheiro de chulé está aqui fora!
Um homem saía da latrina abotoando a braguilha. Sorriu para Julieta.

2

COMEÇARAM A MASTIGAR O FEIJÃO DURO
E OS PEDAÇOS DE CARNE-SECA.

— Isso rebenta os dentes...

Com a faca de cabo quebrado Linda puxou um carrapato de dentro do feijão. Olhou o prato com nojo.

3

TIROU O VESTIDO, NAMOROU O QUADRO DA PRIMEIRA COMUNHÃO e abriu o *Moço louro*, de Macedo. O mormaço pesava como chumbo. Foi-se embalando na leitura. Deixou o livro e ficou olhando para o lençol, pensando coisas. O percevejo subia pela sua coxa alva e bonita. Calçou a unha e o sangue preto fez uma pequena mancha na perna. Linda, porém, viu a mancha enorme e começou a chorar baixinho bem apertada ao travesseiro. Lembrou-se de Julieta.

Agora dona Risoleta pedalava na máquina de costura. A tuberculosa tossia lá dentro. Alguém abria a porta da latrina.

Ouviu-se a voz de Julieta:

— Fecha essa porta. Olha o cheiro de mijo...

O sol estalava nas telhas.

4

O MORMAÇO DOÍA COMO SOCOS DE MÃOS OSSUDAS. INVADIA o sótão e as pessoas. Linda se estirou na cama, abrindo as pernas. Uma vontade mole de coisas desconheci-

das tomava conta dela. Se embalava no monótono ruído da máquina de costura, que andava sob os pés incansáveis de dona Risoleta. Abandonou o livro inútil e fitou a madrinha. Achou-a estranha, muito magra. Só agora notava como ela estava magra, ressequida, pequenina. Rostinho chocho, os olhos cansados quase fechados debaixo dos óculos. Parecia feita de nervos, mas de nervos inúteis, incapazes já de qualquer movimento. Com a cabeça caída sobre a máquina, deixava ver os cabelos brancos que começavam a dominar os pretos como um partido político fraco que aos poucos vai adquirindo adeptos. Uma gota de suor escorreu pelo seu nariz e fê-la estremecer. Moscas voavam agora no quarto, pousando de minuto em minuto para logo levantar voo. O sol, como um deus, estava invisível e presente. Dona Risoleta pedalava sempre, incansavelmente, acompanhada pelo olhar triste de Linda, que foi se esmorecendo aos poucos até dormir com um rapaz rico que a via passar, se apaixonava por ela, casavam-se num dia maravilhoso de sol brando e branda aragem, fila de automóveis, ela de véu e grinalda, vestido que a madrinha fizera, a madrinha de vestido azul de seda, moravam depois, felizes, os três, numa casinha cheia de móveis e bibelôs, como os do palacete do dr. Valadares.

O que acabou com a marcha nupcial foi a tuberculosa que tossiu demoradamente, bulindo com os nervos gastos de dona Risoleta, que, de tanto nervoso, parou de pedalar a máquina. Quando voltou à costura, não era mais a marcha nupcial, era um fox ouvido pelo rádio na sala de jantar em noite de chuva.

O calor fazia a respiração difícil e encharcava a testa de Linda.

5

O GATO FICAVA ESPIANDO JUNTO DA PORTA. SE O MORMAÇO estava muito forte, descia as escadas sem se importar com os ratos que fugiam. Deitava-se então na relva do quintal perto das lavadeiras. Rolava na grama, brincava com bolas de papel e levava pontapés das mulheres de quem sujava a roupa

estendida no quaradouro. Quando o sol vinha descendo e as luzes apareciam, voltava para o sótão, entrava no quarto pelo buraco da porta e esperava, atento aos passos.

Quando Severino chegava, metia as unhas nas suas calças e roçava nas suas pernas. O sapateiro jogava a brochura em cima da cama estreita e tomava-o nos braços.

— Zug!

Atirava-o para cima. Zug miava de contentamento. Jogava-o em cima da cama e coçava-lhe a barriga. Ele se enrolava todo, raspando as mãos calosas do homem com as suas unhas finas. Rolavam, o gato abraçado nas mãos do homem, mordendo e arranhando.

— Zug, negro, vamos comer.

O pelo preto de Zug se arrepiava e a cauda engrossava.

Severino abria um pequeno embrulho:

— Trouxe presunto, Zug.

O gato pulava, rodava em torno do dono, miava, até abocanhar o pedaço de presunto.

Depois da refeição, Severino acendia a vela e abria a brochura. Era um folheto de propaganda anarquista. Lia até que a luz da vela começava a murchar e o toco terminava.

Então pegava o gato e levava-o ao pequeno buraco que servia de janela. Olhava a cidade colonial.

— Zug, é preciso destruir tudo isso. Tudo está errado.

Zug lambia o nariz.

— Você é um burguês indecente, Zug.

Tinha uns grandes olhos meigos de criança, e uma voz pausada, muito calma, com sotaque espanhol. Muitos cabelos brancos, apesar dos quarenta anos. Alto e angulado, com uma bela e forte cabeça, onde uma veia cortava a testa com um talho azul em alto-relevo.

— Os padres... os ricos... todos... Destruir...

Tirava a camisa manchada de graxa preta e a calça velha de casimira com remendos nos joelhos. Acomodava Zug nos pés da cama e deitava-se. Do resto da vela desprendia-se um cheiro nauseante.

6

A LATINHA DE BRILHANTINA CUSTAVA QUINHENTOS RÉIS nas lojas da Baixa dos Sapateiros. Ele preferia não tomar a média com pão no Bar Elegante a deixar de comprar brilhantina. Meteu o dedo e tirou um pouco que passou no cabelo negro e fino. Ficou brilhante, depois de alisado com o pente. Reluzia. Olhou-se vaidoso no espelho pequeno pendurado embaixo do retrato de sua mãe. Andou de um lado para outro, fitando ora o violino, ora o espelho. Como que o cheiro barato da brilhantina lavava a sujeira do quarto. Os olhos da velha, no retrato, pareciam seguir os seus gestos.

— Carlos França e Reis... Grande concerto... O grande violonista brasileiro tocará hoje em Paris... As entradas há uma semana estão vendidas...

Os olhos do retrato sorriam orgulhosos. Passou adiante.

— O concerto de Carlos França e Reis consagrou-o definitivamente. O que Paris tem de mais chique se encontrava a ouvir o mágico do violino que veio da América do Sul para assombrar a Europa...

Como um aluno de geografia e de glória foi viajando. Paris... Berlim... Viena e as valsas... Aclamações. Roma. A multidão a esperá-lo na estação... Atenas. Moças que pedem autógrafos. Salta as pequenas republiquetas e chega ao Rio. Lá vai ele junto ao presidente da República que veio recebê-lo, a ele, glória do país. Flores. Filas de moças. Concerto no Municipal, de casaca e discursos. Convites insistentes para ir a Buenos Aires.

Carlos vê lágrimas nos olhos do retrato, mas elas estão nos seus próprios olhos. Um relógio longe bate seis horas. Levanta-se. Pega no violino, no caderno de sambas, e vai para o café Madrid, onde faz parte do jazz.

A sombra debruçou-se sobre o retrato e a lata de brilhantina.